

ENTREVISTA

João Serrano,
secretário da IAB:

“Só chamam o urbanista quando tudo já está embananado”

Com raras exceções, o capixaba sempre se viu obrigado a rir de temas nacionais, apesar de seu dia a dia provinciano muito ter de burlesco. Foi com o firme propósito de mudar um pouco as coisas que surgiu, em fins do ano passado, a revista de humor Cosquinha, que integra cartuns de humoristas da terra mas que, conforme esclarecem seus autores, está aberta a qualquer manifestação humorística de capixabas. Eles falam também das dificuldades para editar essa publicação, dada a prevenção das empresas contra revistas independentes.

Entrevista a
Júlio Fabris

A G — Como você vê, hoje, as cidades brasileiras do ponto de vista urbano e arquitetônico?

João Serrano — Quando se fala em cidade, eu imagino o seguinte: primeiro a gente tem que ver o tipo de cidade que estamos falando. Porque nós temos nove áreas metropolitanas — e mesmo assim é preciso um certo esforço para comparar Belém com São Paulo. São áreas metropolitanas completamente distintas. Temos cidades do tipo porte médio, como Campinas, Londrinas, Pelotas, Vitória. E a gente tem uma porção de cidades que são as cidades pequenas. Então quando a gente fala em cidade, está se re-

ferir de porte grande. As de porte grande passem a ser de porte enorme, porque há sempre aquele negócio da concentração. Então eu vejo o seguinte, na grandona: refletem a realidade do país, quer dizer, a grande concentração e o privilégio de um pequeno grupo em detrimento do grande grupo, que está espoliado, explorado. Então surgem as ipanemas da vida, as barras da tijuca, com a superespeculação imobiliária e a qualidade de vida louca completamente, que é a alegria dos psicólogos, psicanalistas, etc. Você chegar e construir aqueles edifícios enormes como na Barra da Tijuca, em frente da praia, grandes condomínios, com piscinas comum e piscina na varanda... até hoje eu não consegui entender

qualquer maneira, comparando com os seis anos que eu não venho aqui, como cidade de porte médio parece ter havido uma explosão. Estão construindo por tudo que é canto e a informação que eu tenho é que até hoje Vitória não tem um plano definido. Essa cidade teve vários planos; eu conheço colegas que fizeram planos, depois os planos não estavam valendo mais, aí fizeram outros planos e fizeram outros planos. E uma cidade numa velocidade como Vitória deve estar crescendo, a força de todos os investimentos que se estão fazendo, que não tenha plano, vai ficar parecida com todas as outras, cidades caóticas que estão por aí. E quando estiver tudo embananado, chamam um urbanista, ou seja quem for, e criam

sessenta, e que reuniu também um grupo de profissionais, que por umas certas circunstâncias estavam interessados em defender a cidade, eram de lá. De repente apareceu uma administração que acordou para a necessidade de planejamento. Eu lembro que em 1965 vi o plano preliminar de Curitiba que tinha sido feito pelo Jorge Villar, de São Paulo, e que foi secretário de Planejamento. Eles criaram um instituto de pesquisa de planejamento urbano de Curitiba, que recebeu o planejamento do Jorge Villar e ficou trabalhando. O Lerner era o presidente deste instituto. De repente o Jaime é promovido a prefeito. De repente o cara que estava trabalhando no plano é promovido a prefeito. Praticamente pegou parte da equipe

assim por diante. Senão, fica tudo muito igual, muito chato: eu saio da minha casa, vou para a sua e é tudo igual, tem as mesmas coisas. Agora, a tendência do sistemão é fazer um mundo só igual.

AG — Vitória, como muitas outras cidades brasileiras, está ficando rodeada de conjuntos habitacionais. Você acredita que estes conjuntos, que se localizam normalmente nas regiões periféricas, ajudam a descaracterizar a cidade?

João Serrano — Não necessariamente, porque é um negócio meio complexo. Esses conjuntos são todos iguais. Entre os vários lados negativos deles, acho uma droga, são feios, não levam a nada, eles são, enquanto conjuntos, repetitivos, criam uma

periferia da favela, perigosíssimo, não é uma área “bem”. E eu acho que em Ipanema, que é o centro das focas, do topless, onde tudo acontece, você ainda tem milhões de casas, locais agradabilíssimos.

AG — Existe a inchação de uma cidade como Vitória. Ela cresce, pegando todos os males das grandes metrópoles, mas não oferece, em contrapartida, benefícios em termos de lazer e qualidade de vida. Você acredita que esse seja um fenômeno nacional? João Serrano — Eu diria que não é apenas um problema nacional, mas continental, forçando um pouco a barra, mas muito de terceiro mundo, de uma área explorada, espoliada. Porque você não encontra um problema desse



Enquanto as favelas proliferam, os conjuntos habitacionais descaracterizam a cidade, na medida em que as uniformiza, afirma José Serrano



As cidades do tipo porte médio, como Campinas, Londrinas, Pelotas, Vitória. E a gente tem uma porção de cidades que são as cidades pequenas. Então quando a gente fala em cidade, está se referindo geralmente aos grandes centros, tipo Rio, São Paulo etc, que para mim, inclusive já não é uma cidade. Como aquela cidade que a gente aprendeu a falar, que ouviu falar, a cidade diferente do campo. A área metropolitana já são milhões de cidades dentro de uma mesma cidade. Tem as chamadas ipanemas da vida, que são uma coisa; você tem toda a periferia da cidade, que é um outro tipo de cidade, de organização, outro tipo de vida. Você tem os subúrbios, que é um terceiro tipo, tem as favelas. Tudo isso convivendo num mesmo bolo, que a gente pode chamar grosseiramente de São Paulo, Rio de Janeiro, Fortaleza e Recife que já estão chegando nesta escala. É o que a gente chama de cidade, mas na verdade é um negócio muito mais complicado. De modo que quando eu penso em cidade, eu penso nestas cidades pequenininhas, onde andei trabalhando muito. Cidades de quinze, vinte mil habitantes que têm a ver com a cidade que estão culturalmente na cabeça da gente. E que é no Brasil, relegado a segundo plano, já que o quente é discutir a área metropolitana. Ou então quando a cabeça já está quente, não está dando certo o sufoco da área metropolitana, vai discutir um pouquinho uma política de cidade de porte médio.

Pois bem, diante deste quadro eu vejo o seguinte: as cidades pequeninas, completamente abandonadas. E essas cidades se confundem com os municípios, porque no Brasil as cidades pequenas se confundem com as sedes dos municípios. Então nos últimos anos os municípios, por força de reforma tributária, etc, perderam todo o poder de fazer qualquer coisa. Quer dizer, todo o poder com o poder federal, e esse poder todo poderoso que resolve as coisas, e normalmente a maior parte dos investimentos são concentrados nas áreas metropolitanas. Então a cidade que eu tenho na minha cabeça, que eu gosto de trabalhar está completamente abandonada. Mas você pode discutir em termos de qualidade de vida, que é muito interessante. Tem o problema econômico, pois elas não têm muita condição de progredir, etc, mas têm uma qualidade de vida razoável.

As cidades de porte médio estão acontecendo, crescendo, falaram em dar apoio, mas o que eu imagino é que o grande sonho, a tendência dessas de porte médio é que passem a

construir aqueles edifícios enormes como na Barra da Tijuca, em frente da praia, grandes condomínios, com piscinas comum e piscina na varanda... até hoje eu não consegui entender como você pode morar num apartamento que tem uma piscina na varanda. É um tanto metido a besta ter um tanque na varanda com aquele mar todo na frente, ou descendo no térreo e tendo uma piscina. Quer dizer, então o sujeito não tem mais onde botar dinheiro, fica fazendo mais

A experiência de Curitiba é atípica

besteiras e mais besteiras, ou então de um lado estimulando a especulação e derrubando prédios de quinze anos, de vinte anos, e você constrói um prédio para demorar cem. E é um esforço que o país faz para construir um prédio qualquer, que é um patrimônio. Aí você derruba só para ganhar mais dinheiro e constrói outro em cima. Quer dizer, é um non sense, uma especulação total num país em que a gente está vivendo em vias de desenvolvimento, subdesenvolvido, espoliado; quer dizer, a gente está jogando dinheiro pela janela estupidamente. Isto é um aspecto da questão. O outro aspecto, junto com estes apartamentos, são os aglomerados, favelados, que não têm nada. Outro ponto que me parece muito importante é o privilégio que se deu, durante muito tempo, ao carro particular, que liquida estas cidades todas através de viadutos, túneis, vias expressas, estacionamentos, jogando todo mundo para as periferias, para onde puder. Quer dizer, você vai liquidando tudo, como a cidade passando a ser o espaço onde vive o sujeito de automóvel. O sujeito sai de casa pra comprar cigarro, pega o automóvel, vai a feira, pega o automóvel, de repente ela pega o automóvel, compra uma roupa Adidas, aí pára o automóvel e vai andar. Tem que fazer cooper porque ele esqueceu de andar. Está todo mundo fazendo ginástica porque esqueceu de andar. A cidade, na verdade, é um reflexo, no caso espacial, de uma loucura que é a natureza econômica, social, etc. É assim que vejo a coisa andando, cujo resultado final está dando na chamada violência.

AG — Vitória está enquadrada entre as cidades de porte médio. Pelo que você já pôde ver e Vitória, como você sente a cidade?
João Serrano — O que vi muito pouco. Cheguei ontem à noite e não deu para ver muita coisa. De

os investimentos que se estão fazendo, que não tenha plano, vai ficar parecida com todas as outras, cidades caóticas que estão por aí. E quando estiver tudo embananado, chamam um urbanista, ou seja quem for, e criam uma comissão para ver como corrige. É o antiplano, você não faz o plano para, você chamar o sujeito para corrigir as besteiras que foram feitas, no improviso da pressa que é mais uma vez o problema do Brasil. De 1964 para cá, do meu ponto de vista, o que se fez de besteira não foi pouco não. E besteira grande. Mas tem toda uma outra besteira acumulada de quinhentos anos, de quando o país era colônia.

AG — Nas suas passagens por aqui, você sente Vitória como uma cidade agradável, ou como uma cidade opressiva?

J. Serrano — Não deu para sentir ainda nem de um lado nem de outro. Eu não conheço hoje, no Brasil, nenhuma cidade que seja agradável.

AG — Mesmo Curitiba?

João Serrano — Mesmo Curitiba. Curitiba se tornou mito. É a mais bonitinha hoje, todo mundo acha. Mas eu não acredito que uma cidade possa ser agradável, num clima desagradável. Volto a dizer: não existe para mim a cidade física, só. Tem um clima social, institucional e econômico. Eu acho que o país está longe de estar num clima agradável. Curitiba realmente sofreu uma série de intervenções inteligentes, racionais, e sem querer transformar num mito, ela tem condições mais favoráveis que a maioria das capitais brasileiras. Mas não é esse negócio sensacional que estão falando. Mesmo que pegássemos a cidade mais agradável do mundo, que eu não sei qual é, e colocássemos aqui, com os problemas que estamos vivendo, não poderia ser agradável.

AG — Este relativo sucesso de Curitiba, foi atribuído, em parte, à pessoa de Jaime Lerner, que teria conseguido impor o planejamento urbano aos interesses imobiliários e congêneres. Você acredita que Curitiba conseguiu este feito, de transformar os interesses públicos prioritários aos interesses dos investidores?

João Serrano — Eu acho Curitiba um caso bastante atípico para poder dar certo. Reuniram uma série de fatores bastante favoráveis, que nem sempre acontece e o negócio deu certo. Por exemplo, o Paraná é um Estado que estava com um grande desenvolvimento econômico. Curitiba já tinha um projeto de loteamento bem anterior, quando ela nasceu, que permitiu prever ruas bem largas. Era uma cidade nesta época, de mais ou menos quinhentos mil habitantes, pelo início dos anos

trabalhando. O Lerner era o presidente deste instituto. De repente o Jaime é promovido a prefeito. De repente o cara que estava trabalhando no plano é promovido a prefeito. Praticamente pegou parte da equipe dele e transformou em secretário aqui, secretário ali, então não tinha muito o que discutir. E fizeram, e estavam com força para fazer. Tinha se preparado, estudado para isso. Quer dizer, era tudo, menos político. Aí deu certo. Mas deu certo por que? No começo houve muita reação ao que ele queria, mas de repente a coisa deu certo, porque o próprio plano, ele teve habilidade de conciliar as mudanças com os interesses econômicos vigentes. Vamos permitir a especulação imobiliária? Vamos permitir em determinado lugar, mas aqui, não ali. Quer dizer, ele conseguiu ter uma visão que não era ele sozinho e sim toda a equipe dele.

AG — Quer dizer, transformou o capitalismo selvagem em algo mais racional.

João Serrano — Exatamente, nesta linha. Então de repente a coisa aconteceu e em determinadas condições numa cidade de quinhentos mil habitantes. Mas aquela experiência para uma cidade tipo Rio, São Paulo ou Recife, são coisas bastante diferentes.

AG — E para Vitória?

As cidades pequenas estão abandonadas

João Serrano — Eu não sei. Qual a população de Vitória hoje?

AG — Setecentos mil habitantes.

João Serrano — Sabe o que eu apostaria? Eu não conheço ninguém. Eu não sei se o ES tem aquelas pré-condições do Paraná que eu estava te falando anteriormente. Mas, enfim, pegando gente daqui, que está trabalhando aqui e dando uma chance pra essa turma trabalhar eu acho que daria certo. Não importar gente do Rio, São Paulo ou Salvador; tem gente aqui trabalhando.

AG — Então, quer dizer, dar a essas pessoas que estão trabalhando poder mais normativo?

João Serrano — Pelo menos que se escutassem essas pessoas e que no processo decisório levassem em conta esses aspectos. É importante trabalhar com pessoas que conhecem o lugar. O Lerner e a equipe dele conhecia cada jornalista, cada botequim, quer dizer, ele conhecia a cidade mesmo, não era um tecnocrata que vivia escondido. Para dizer a verdade, o que eu acho importante é chegar em Vitória e encontrar uma cidade capixaba, chegar em Minas e encontrar uma cidade mineira, e

precisamente, porque é um negócio meio complexo. Esses conjuntos são todos iguais. Entre os vários lados negativos deles, acho uma droga, são feios, não levam a nada, eles são, enquanto conjuntos, repetitivos, criam uma monotonia total, mas dentro daquela linha que a gente estava falando, como todos são iguais eles descaracterizam em todas as cidades. Agora, é inevitável que estas cidades cresçam. O importante é que, apesar da expansão da cidade, você tenha respeito pelo seu avô, pelo seu tataravô, pelo seu pai, isto é, ter um respeito pelas áreas mais antigas da cidade — não é um respeito em que você vá obedecer aos seus ancestrais; é ter o passado como uma referência, mesmo porque para você ir contra o seu avô, você precisa conhecê-lo. Não é possível rasgar o passado. Se for possível manter viva a história da cidade, ela não vai se descaracterizar com o crescimento; ela vai se recharacterizando. Cada época estará representada dentro da cidade.

AG — Algo como é feito na Europa, onde há a parte moderna e a parte antiga da cidade?

João Serrano — A coisa mais incrível é que este pessoal da especulação imobiliária ganha dinheiro aqui e depois vai passear na Europa. Vai todo mundo curtir Roma, Paris, ver aonde Pedro Álvares Cabral tomava vinho, e tudo o mais. Quer dizer, aqui tem que ser tudo novo, com todos os modismos existentes.

AG — As pessoas passam um tempo considerável de sua vida dentro de casa. Você diria que, no Brasil, o sentido de agradabilidade residencial está se perdendo?

João Serrano — Felizmente não, porque eu entendo o Brasil nas cidades médias e pequenas. Você pega os subúrbios, as cidades, quer dizer a maior parte da população. Você tem áreas de subúrbio extremamente agradável e cidadezinhas também. Felizmente o Brasil é muito maior do que a gente é capaz de destruir. Agora esse Brasil moderno, Brasil potência, Brasil Ipanema está mudando numa velocidade muito grande e muitas vezes mudando para pior, porque baixando a qualidade. Porque você vê esses edifícios, os quartos são mínimos, os banheiros cada vez menores; você hoje pega um apartamento, bota na sala de jantar de antigamente. Está baixando a qualidade do espaço, amontoando muita gente. Quer dizer, esse padrão está baixando, mas sempre sobra. Você vê: eu moro em Ipanema há 30 anos, numa casa alugada de vila. Não tem porteiro, não tem vidro rayban, mas tem um lindo jardim; eu não troco aquela casa por nada. Não entra carro, um negócio quen-

João Serrano — Eu diria que não é apenas um problema nacional, mas continental, forçando um pouco a barra, mas muito de terceiro mundo, de uma área explorada, espoliada. Porque você não encontra um problema desses nos países desenvolvidos que exploram, no caso da Europa e Estados Unidos, têm uma estrutura muito mais equilibrada, não só em preocupação com o aspecto cultural como compartilham desta preocupação em equipamento cultural como teatro, cinema, etc. No nosso caso o negócio está concentrado nas grandes áreas, o que é, por sinal, muito pouco em termos nacional. O que a gente tem de alternativas em termos de Rio de Janeiro, claro que comparado a Vitória a gente tem muito mais, mas se compararmos com o fato dela ser a segunda cidade mais importante do país, tem muito pouco em termos de teatro, os cinemas estão praticamente fechando. E eu acredito que em termos de São Paulo também é muito pouco. Se a gente for comparar São Paulo, com mais ou menos dez milhões de habitantes e a importância econômica com outros centros equivalentes no mundo, você vai ver que provavelmente o número de teatro, de cinemas, é muito menor. É claro que comparando Vitória com Rio ou São Paulo não fica com nada, e o que é isso? É só o resultado de um sistema que está forçando cada vez mais para concentrar. Quer dizer, o sonho é que todo mundo vá morar — um sonho contraditório — no interior; mas na verdade, todo o esforço está sendo feito para concentrar. Há uma centralização não só em um bairro dentro de uma cidade — uma centralização intra-urbana — como também uma centralização em algumas cidades como Rio e São Paulo.

AG — Muitos municípios do Espírito Santo têm diminuído em população. São os municípios cujas cidades são cidades pequenas. Você acha que há um futuro para estes municípios, ou eles tenderão a só ter um passado?

João Serrano — Tem que haver um futuro. Imaginar todo mundo no Brasil morando em dez áreas metropolitanas, e no resto não existir nada, seria o completo pesadelo, embora o sistema venha levando para isto. Mas eu acho que há um limite para este processo. Um limite muito claro. O que me assusta é a entrada do capital internacional na agricultura, que afeta diretamente estas pequenas cidades — como é que este capital vai rebater em termos sociais e em termos espaciais? Esta é uma interrogação para mim.